

## AS ESCOLHAS FEMININAS DO ZÉ

Zé era um sujeito esperto, bonito, bem falante, fazia suspirar as meninas quando passava esbanjando charme. Porém Zé tinha um grave defeito no universo feminino, era aquilo que as moçoilas chamavam de galinha, um pegador nato, sem pudores e sem qualquer ética, mulher de amigo, pegava também, mãe, irmã, sogra, qualquer coisa que exalasse aroma diferente do seu, um terror.

Um dia Zé conheceu a Carruagem do Amor, sim, a Carruagem do Amor era um objeto até então desconhecido de Zé. Malandro, não perdeu oportunidade e começou a utilizar o veículo, todos os dias, pela tarde e noite lá se ia o Zé, após exaustivo trabalho, tomava um bom banho, um perfume caprichado e chegava todo sorridente, o mais gentil dos cavalheiros dentro daquele veículo de formosuras. Mas, um grande drama atrapalhava o Zé, como escolher qual beleza abordar? Todas lindas, maravilhosas, cheias de encantos e peculiaridades que para um bom pegador somente aguçavam o sentimento de volúpia.

Tinha a loirinha, o nome se não me engano era Liva, pequena, graciosa, com jeito de menina mas uma mulher fogosa, pegadora no sentido concreto da palavra, cheia de boas e más intenções e que não perdia oportunidade em deixar o Zé mal das pernas, literalmente falando. O sujeito após viajar com a pequena, saía trôpego da carruagem, como se o chão faltasse e como se o cérebro fosse recheado de pequenas lamparinas a brilhar. Uma mulher esperta, inteligente, vivaz e mordaz, que provocava os sentidos do Zé mesmo quando ele dizia não, quando o herói cansado do trabalho exaustivo queria somente relaxar, lá vinha ela, toda carinhosa e provocativa, com seus seios fartos e curvas salientes, fazendo o Zé remoer sua capacidade de resistência, enfim, uma lutadora que freqüentemente derrotava a vontade do herói.

Havia também outra loira, mais séria, um pouco mais experiente, mais mulher como dizia o Zé. O nome (?) Aneli, sensual em seu jeito sóbrio e discreto, sem muitos alardes, com olhar vasculhador, cérebro inquieto e sempre atento aos movimentos e comentário, exalando sensações que somente as mulheres bem resolvidas conseguem, uma mulher que como Zé cansava durante o dia mas que ao contrário do Zé, não se atirava de qualquer modo, tal como uma fugaz caçadora, escolhia sua presa e escolhia a dedo, de paladar exigente, tenha os sentidos aguçados para fazer a melhor escolha, não tinha pressa, não tinha gula, somente esperava para ter a melhor oportunidade naquilo que ela considerava como melhor opção para o momento, sábia em suas escolhas e oportunidades. O Zé não entendia, não havia uma abertura suficiente para ele exercer seus predicados de predador, não conseguia compreender que dois caçadores não convivem em um mesmo território, mesmo que as caças sejam de espécie diferentes, entre eles havia a barreira dos hormônios, do comportamento em relação as necessidades instintivas, enquanto Zé buscava saciar a volúpia a qualquer preço e momento, Aneli não tinha pressa, caminhava resolvida, com seu jeito feminino maduro, curvas onde deveria estar. Cabelo longos e macios, lábios médios, sorriso enigmático; esta sabia do momento e como manifestar seus desejos e intenções, uma diferença

fundamental para uma caçadora que deseja viver bastante tempo na floresta humana.

Ah, estava me esquecendo, Zé costumava falar de uma morena, nova, não magra e nem gorda, ideal segundo ele. Tinha os cabelos longos, jeito de menina, olhar provocativo e sorriso ingênuo disfarçando o calor interno. Lyca era seu nome, na maioria das vezes sorridentes, solícita, mas sem abrir muito a guarda, sabedora que era que se bobeasse, seria a próxima presa do pegador. Era uma morena bastante provocativa, corpo esguio, firme, sensualidade no olhar, ao balançar a cabeça e deixar os cabelos mostrarem o efeito do vento, uma beleza admirável sem ser exuberante, uma mulher de fazer um homem chorar sem sentir dor como costumava dizer o Zé. O Zé quase enlouquecia, era tamanha sensualidade que ele quase não conseguia compreender os próprios sentimentos.

Assim passava o Zé, em sufoco constante, de vez em quando seus parceiros de viagem davam conselhos, indicavam caminhos, o Careca como se fosse um sábio professor, coitado, ele nem mesmo sabia direito o que estava aconselhando, o Slow Motion sorridente, inteligente e conhecedor de palavras inusitadas para o Zé, nada dizia, brincava e se divertia com a situação e ainda, o Little Man, que sorria bastante, aparecia vez que outra mas sempre se divertia em conjunto com Careca olhando o sufoco que Zé passava. Lá na frente, na boléia, a Cocheira SSate olhava de relance e sorria, com um sorriso maroto de quem conhece a vida e de quem, em cuja carruagem muitos amores e romances haviam começado e findado.

Este era o dilema do Zé, como saber qual das belas e formosas mulheres ele deveria escolher, se quisesse todas, não teria nenhuma, se não quisesse nenhuma, não ficaria com nenhuma mesmo. Ah, Zé ainda tinha outro problema, como explicar em casa toda aquela angustia e volúpia? Sim, Zé tinha ainda que explicar em casa, Zé era casado e vivia arrumando desculpas esfarrapadas. Eta Zé, se divertia bastante mas tinha que ficar esperto nas desculpas.